

Fronteiras, Lugares e o Processo de Tornar-Se

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137editorialv12n22026>

A capa deste número da Revista Pathos busca oferecer uma imagem potente para pensar os textos aqui reunidos: fragmentos de tecidos distintos, costurados por linhas múltiplas, irregulares e coloridas, compondo uma trama que não apaga as marcas das rupturas, mas as transforma em possibilidade de ligação, passagem e criação. Há, nessa composição, algo que remete à noção de rizoma, desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), especialmente ao modo como pensam os processos de subjetivação: não como estruturas lineares, fixas ou hierarquizadas, mas como redes vivas, abertas, múltiplas e em constante movimento. Como explorado também nos trabalhos de Sílvio Gallo (2003), o rizoma supõe conexões imprevisíveis, atravessamentos e linhas que se encontram mesmo quando partem de territórios distintos.

Seguindo o mesmo caminho expressivo proposto pela imagem da capa, seu título remete a capacidade do *Vir – a – Ser*, termo desenvolvido por Donald Winnicott (1990), visto que o Tornar-Se em nosso mundo versa sobre a capacidade de existir como potência criativa, a partir da relação humana singular em consonância com o ambiente enquanto expressão facilitadora do Ser. Segundo o autor, o ser humano não possui um *eu* constituído desde o início. Para que possa vir a ser como pessoa, ele depende de um ambiente que se adapte às suas necessidades de forma tão precisa que nem se percebe essa adaptação. Quando o cuidado falha ou é invasivo, o humano deixa de existir a partir de si mesmo e passa apenas a reagir ao que vem de fora, interrompendo seu processo de desenvolvimento pessoal. É só quando há sustentação suficientemente boa por parte do ambiente que o indivíduo pode *Vir – a – Ser* sem precisar se defender do mundo de forma reativa.

Os fios que atravessam a imagem da capa evocam justamente esses percursos: trajetórias marcadas por deslocamentos, rupturas, fronteiras e tentativas de recomposição. Não há um centro único organizando a experiência; há múltiplos pontos de entrada, diferentes formas de habitar o sofrimento, o cuidado, a memória e os processos de tornar-se. Nesse sentido, os textos que compõem este volume dialogam entre si não por homogeneidade temática, mas pelas tensões que compartilham em torno da subjetividade, dos vínculos e das formas contemporâneas de existência.

Abrindo os trabalhos, temos a satisfação de apresentar o texto de Adriana Simões Marino, Augusto Coaracy e Miriam Debieux Rosa, intitulado *Formação e trabalho no coletivo de Psicanálise na Praça Roosevelt*, uma potente iniciativa de clínica pública encravada no coração de São Paulo. Para além da essencial oferta de escuta em espaço público, os autores nos convidam a pensar a formação psicanalítica como uma invenção territorializada, sustentada pelo manejo vivo de intervisões, supervisões e pelos desafios inerentes aos laços coletivos — com todas as suas forças transformativas, contradições e entropias.

O artigo *Efeitos psíquicos das migrações: a condição do migrante como “sujeito partido”*, de Lilian Emparan, discute os impactos subjetivos dos processos migratórios, abordando experiências de desenraizamento, luto, pertencimento e reconstrução identitária. A partir da psicanálise, especialmente das contribuições de René Kaës, o texto analisa como a migração produz rupturas e reorganizações psíquicas, levando o sujeito a transitar entre diferentes territórios culturais, afetivos e simbólicos.

O artigo *Os impactos do divórcio e da alienação parental no desenvolvimento emocional infantil: contribuições da psicologia*, de Rayssa Gonçalves Silva, Marcella Antunes Souza Luiz de Oliveira discute os efeitos emocionais produzidos pelos conflitos familiares decorrentes da separação parental, abordando sentimentos de insegurança, culpa e fragilização dos vínculos afetivos. O texto destaca, ainda, o papel da psicologia na mediação desses conflitos e na promoção do bem-estar infantil.

Andréia Alves Teixeira, em *Transtornados da Terra: saúde mental, racismo e subjetividade na juventude negra*, debate as relações entre racismo estrutural, violência social e produção de subjetividades, discutindo como determinadas formas de sofrimento psíquico não podem ser compreendidas fora das condições históricas e políticas que atravessam a juventude negra no Brasil. O texto convoca uma leitura crítica da saúde mental, articulando desigualdade, necropolítica e resistência.

No relato de prática *Entre o ideal e o si mesmo: reflexões a partir de um caso clínico*, Mariana Santos apresenta, a partir da clínica winnicottiana, os desafios do Vir -a – ser em nossa contemporaneidade, seus atravessamentos acerca de nosso ser criativo e dos impactos de tais aspectos no processo de desenvolvimento emocional.

Fechando essa edição, Júlia Mari Suleiman do nascimento, compartilha o relato de prática *Limites da escuta do analista na escuta de mulheres imigrantes em situações de vulnerabilidade*, no qual reflete sobre a escuta psicanalítica de mulheres imigrantes em situação de vulnerabilidade. A partir da experiência clínica da autora, o texto aborda os atravessamentos subjetivos da migração, discutindo desamparo, maternidade, isolamento e os limites da escuta diante de sofrimentos marcados por questões de gênero e migração.

Entre costuras, fragmentos e atravessamentos, esta edição da Revista Pathos convida o leitor a percorrer diferentes territórios da experiência humana, reconhecendo que os processos de subjetivação se fazem justamente nas fronteiras: entre perdas e reinvenções, entre marcas e possibilidades, entre aquilo que nos fragmenta e aquilo que, ainda assim, insiste em nos conectar.

Referências

- Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1, A. Guerra Neto & C. P. Costa, Trads.). Editora 34. (Obra original publicada em 1980)
- Gallo, S. (2003). *Deleuze & a Educação*. Autêntica.
- Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Imago.